

A trajetória literária de Edmundo Valadés nas Letras Mexicanas

Antonio Ferreira da Silva Júnior¹

RESUMO: Neste trabalho pretende-se expor a presença do escritor mexicano Edmundo Valadés na historiografia literária mexicana. O autor é considerado pela crítica especializada como o verdadeiro propagador do gênero conto no México e responsável por descobrir inúmeros escritores nos demais países do continente latino-americano. Espera-se evidenciar seu papel como intelectual e seu pensamento em relação à criação literária.

Palavras-chave: Intelectual; Conto; Literatura mexicana.

Edmundo Valadés de Mendonza nasceu na cidade de Guaymas, em Sonora, interior do México, em 1915, sendo considerado por muitos críticos como um dos principais responsáveis pela dimensão do gênero conto na literatura latino-americana e como um dos escritores mais importante de sua geração, devido ao emprego de uma linguagem transcendente ao pensamento crítico da época, dosando com imagens criativas a dura realidade mexicana.

Valadés muda-se, aos seis anos de idade, para a Cidade do México, lugar onde o escritor desenvolveu sua formação intelectual, essencial para que estabelecesse contato com inúmeros pensadores. Aos doze anos, já participava de concursos literários e escrevia contos, projetos de romances e pequenas obras de teatro. Segundo o escritor:

Aproximadamente desde los doce años sentí esa afición, ese gusto, esa vocación por escribir y también por leer. Leí muchos cuentos, fui un devorador de cuentos, quizá por eso me apegué tanto a ese género.²

O escritor assegura que se formou como leitor numa época de difícil aproximação ao mundo da cultura literária, pois a prática da leitura dos textos de autores não permitidos para a época era entendida como uma ação transgressora. Valadés comenta:

¹ Professor de Língua Espanhola do CEFET/RJ e Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas (Literaturas Hispânicas) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

² OSTROSKY & CARRANZA (2008).

Me imagino que en ese tiempo, así como yo, otros niños y adolescentes que querían a la literatura tuvieron que convertirla casi en un vicio secreto, en algo prohibido. Y de joven, cuando entré a la secundaria y conocía muchachos con otras experiencias, con otras lecturas, llegó la primera conquista de una cierta libertad para leer a todos los autores que quería, libre ya de esas prohibiciones, de esas limitaciones.³

Valadés destaca que, aos quinze anos de idade, a leitura do livro *Las mil y una noches*, de autor anônimo, cuja edição era a do romancista espanhol Vicente Blasco Ibañez, aproximou-lhe do universo mágico dos contos, lendas e histórias fantásticas da literatura oriental. Esta obra contribuiu muito para as literaturas do mundo ocidental e, também, influenciou alguns escritores hispânicos, entre eles, o espanhol Don Juan Manuel na obra *El Conde Lucanor* e os argentinos Julio Cortázar e Jorge Luis Borges no processo de criação literária de seus contos. Em relação ao contato, quando jovem, com essa grande obra da cultura oriental, Valadés expõe “Ese libro me causó un impacto enorme y me ayudó mucho a mis tareas como cuentista⁴”.

Além de ser considerado pela crítica especializada como o verdadeiro propagador do conto no México, o escritor revelou inúmeros inéditos e talentos literários nos demais países do continente americano. Ao ser questionado pela força simbólica do conto, Valadés opina:

Es un género que a mí me gusta mucho, que me parece de los más bellos. Y es un género que contiene, para cualquier país, una tradición muy honda; es un medio para recoger su circunstancia, su modo de sentir, su modo de pensar, sus personajes, su geografía, su modo de hablar, su idiosincrasia

[...]

Y aparte, como lectura, digamos, creo que es lo más hermoso, produce un impacto, una satisfacción, la suma felicidad.⁵

Valadés, em suas palavras, realiza uma leitura do gênero conto como um meio possível de aproximar-se da cultura do outro e de si próprio. O conto seria a forma literária capaz de expressar muitas circunstâncias de nosso tempo, como por exemplo, a vida nas cidades com seus contratempos – solidão, violência, repressão. Em sua opinião, o conto é a forma mais pertinente para tratar questões da problemática humana. Essas se transformam quase em obsessões que rodeiam a realidade do escritor em seu

³ OSTROSKY & CARRANZA (2008).

⁴ OSTROSKY & CARRANZA (2008).

⁵ OSTROSKY & CARRANZA (2008).

processo de criação literária. O conto, em síntese, reflete para o escritor o mundo que estamos imersos, principalmente, em seu caso, o da Cidade do México. Para Valadés (1990, p. 284), houve uma mudança significativa no modo de compreender o conto clássico e o contemporâneo:

El cuento clásico ha sido domesticado, convertido en una sucesión de palabras sin encantamientos. El minicuento está llamado a liberar las palabras de toda atadura. Y a devolverle su poder mágico, ese poder de escandanizarlos... Diariamente hay que estar inventándolo. No posee fórmulas o reglas y por eso permanece silvestre o indomable. No se deja dominar ni encasillar y por eso tiende su puente hacia la poesía cuando le intentan aplicar normas académicas.

Para o escritor, o conto trata-se de uma categoria narrativa que escapa das possíveis teorias elaboradas em relação a ele. Não há como impor limites a esse gênero cambiante, pois a linguagem e o ritmo são característicos de cada artista no seu trabalho de criação literária. Valadés, entre tantas nomenclaturas, defende o conto como uma mini-ficção criada por meio de um simples incidente de contar um feito. A ação deve conduzir os personagens e projetar um contexto real ou imaginário, de modo que ative a imaginação do leitor e propicie seu questionamento. O escritor mexicano diferencia o conto da mini-ficção a partir de sua própria experiência como sujeito leitor:

Si me remito a las minificciones que más me han cautivado, sorprendido o deslumbrado, encuentro en ellas una persistencia: contienen una historia vertiginosa que desemboca en un golpe sorpresivo de ingenio (VALADÉS, 1990, p. 285).

Dessa forma, entendemos a assertiva de Valadés ao expor sua admiração pelas temáticas dos contos que trabalham com o inesperado, com o imaginário, conseguido, muitas vezes, através da contraposição com as histórias reais; no jogo entre o sonho e a realidade, na criação de personagens ou seres fictícios, ou ainda, a invenção de cidades ou regiões imaginárias. Seja por meio da sátira, humor, surpresa ou ironia, o conto deve, segundo Valadés (1990, p. 286), apresentar um final surpreendente a seus leitores. Sua escritura deve tratar do real, mas ao mesmo tempo, fugir do convencional.

Através de oficinas, concursos literários e encontros de escritores, Valadés mostrou seu interesse e paixão por esse gênero. Tal admiração resulta, no ano de 1939,

na criação ao lado de seu amigo e escritor Horacio Quiñones da Revista *El Cuento*, um dos foros hispano-americanos mais proeminentes do conto universal. Ademais, a revista é considerada como uma das mais amplas e completas da contística universal e, particularmente, da literatura latino-americana.

Nessa época as revistas mexicanas ainda publicavam contos, entretanto, durante certo período, com a notoriedade do romance, o conto perde um pouco seu prestígio como gênero literário, sendo uma das explicações para a diminuição do prestígio da revista. A outra se deve à falta de verba para mantê-la.

Em 1937, seguindo a tradição de seu pai e seu avô, Valadés consagra-se jornalista. Ainda adolescente, o escritor com a ajuda de seu primo José C. Valadés é apresentado ao escritor e, também, jornalista Diego Arenas Guzman, um dos nomes mais proeminentes dos relatos sobre a Revolução Mexicana; bem como, ao jornalista e grande incentivador de sua carreira Regino Hernández Llergo. Após esses encontros, Valadés inicia sua carreira no campo do jornalismo atuando, primeiramente, como repórter, cronista e colunista. Em seguida, desempenha funções como secretário e chefe de redação, tendo contribuído para as revistas *Hoy*, *Así* e *Novedades*. Além disso, podemos destacar seus trabalhos como divulgador literário e crítico de arte e cinema.

Notória foi sua participação nos seguintes periódicos: *Novedades*, *El Día*, *Excelsior* e *Uno más uno*. Neles publicou colunas de caráter cultural e de crítica literária. A literatura, também, esteve sobre o olhar desse grande clássico das Letras Mexicanas, sejam por suas leituras ou, ainda, por seus pensamentos e relatos expressos num dos veículos anteriormente mencionados. Vejamos como Valadés sintetiza essa questão:

Realmente, en ese tiempo, más que nada fui periodista — lo fui desde joven —, aunque siempre estuve atento, cerca, curioso, de todo el mundo literario, de los escritores. Leía desordenadamente, conquistando nuevos territorios, nuevos autores, que le enseñan a uno nuevas perspectivas, que le dan a uno nuevas armas.⁶

O ponto central da obra de Valadés está em identificar de que maneira sua vivência e experiência jornalística contribuem na tessitura dos seus textos literários. Num primeiro momento, o escritor expressa “El periodismo no aporta nada a la literatura”, porém, logo em seguida, revela taxativo:

⁶ OSTROSKY & CARRANZA (2008).

Fíjate que por primera vez me estoy dando cuenta de que el periodismo sí me aportó personajes, ambientes, situaciones, para varios de mis cuentos. Es decir, nacieron por otras motivaciones y el periodismo me dio el complemento, me dio el ambiente, me dio algunos personajes, me dio algunas otras cosas para la obra literaria.⁷

O escritor, ainda, acrescenta:

El periodismo es como una ventana o un pase que le permite a uno conocer a gente de sectores sociales que de otro modo no sería fácil encontrar, también gente de la política, del espectáculo, de los deportes, de los toros, del arte, etc. El periodismo le permite a uno acercarse a esos mundos de no fácil acceso; conocer a gentes muy interesantes, oír sus ideas, sus experiencias, sus puntos de vista, viajar.⁸

Em suas palavras, notamos o jornalismo como um saber que permite ao sujeito dialogar com seu próprio interior e com os demais indivíduos. Valadés emprega-o como uma forma de realizar uma viagem introspectiva ao seu verdadeiro processo de criação literária, empregando essas imagens na construção simbólica de seus escritos.

Desde 1939, Valadés alterna produções no campo do jornalismo e da literatura. O interesse e a alternância por essas linguagens estão presentes no próprio discurso do próprio Valadés ao mencionar:

Me metí al periodismo y dejé de escribir literatura. En *Hoy* hice una entrevista con el sabio botánico Isacc Ochoterena. La entregué y Don Regino me dijo: 'Esto es antiperiodístico'. Entonces me vino un complejo y ya no me atreví a escribir. Empecé mi carrera como formador, secretario de redacción y jefe de redacción. Luego me aventé. Empecé a escribir, incluso sin firmar: hice crítica taurina, hice crítica de cine, cosas de esas, pero no periodismo, hasta que escribí la serie del *Cuatro Vientos*, que tuvo gran éxito.⁹

Através de suas palavras, notamos certa insegurança e timidez por parte do escritor que conseguiu demonstrar sua capacidade como jornalista. As reportagens na revista *Hoy* sobre *Cuatro Vientos*, entre os anos de 1938 e 1948, cuja história era a dos aviadores espanhóis (Barberán e Cóllar) que estavam perdidos numa selva de Puebla, propagaram a imagem de Valadés como repórter. Além disso, constituem uma outra grande produção narrativa do escritor, que a crítica especializada ainda não se dedicou.

⁷ SÁNCHEZ DE ARMAS (2008).

⁸ OSTROSKY & CARRANZA (2008).

⁹ SÁNCHEZ DE ARMAS (2008).

Esses relatos privados de ficção contribuíram de modo produtivo para o desempenho do contista na publicação do clássico *La muerte tiene permiso*. Nesse livro, o narrador de grande parte de seus relatos revela os dois lados de uma mesma nação, um México rural e rude, e por outro lado, um México industrializado e urbano. Além dos problemas sociais e individuais que atingem ao homem mexicano desses dois momentos da sociedade. Em seu trabalho, a veia literária sempre alimentou sua faceta periodística. Analisemos um exemplo de uma das inquietações silenciadas do intelectual:

Otro de mis grandes errores fue que en lugar de seguir siendo reportero, volví a las cosas internas de *Hoy*. Fue mi gran momento y debí haberle pedido a Don Regino seguir como reportero. Pero no sé, tenía yo falta de fe, de confianza en mí mismo. ¡Había yo dudado tanto! ¡Tenía dudas de que pudiera, de que supiera escribir.¹⁰

O ofício de repórter rendeu-lhe muitas trocas de experiências com pessoas que habitavam as serras e as selvas do norte mexicano, bem como as viagens lhe proporcionaram momentos para reflexão sobre os textos de muitos escritores entre eles, destacamos, principalmente, os do romancista francês Marcel Proust, a quem Valadés não esconde sua admiração. Observemos, na seguinte declaração, o relato do escritor mexicano em relação à aprendizagem adquirida em suas viagens:

Me comisionan para hacer el reportaje y compro en una librería, para leer en el camino, *Por el camino de Swann* [primeiro volume, publicado em 1913, dos sete que compõe *A la recherche du temps perdu*, obra mais importante de Proust]. En ese tiempo, yo no sabía quién era Proust. Allá en La sierra lo lei, cuando acampábamos en unos cafetales. Nos alojaron en un cuarto lleno de carabinas, machetes y pistolas y en la noche lo empecé a leer: me fascinó desde el principio. Entré a Proust de manera muy fácil, siendo tan difícil. Fue una cosa natural, inmediata. Me atrapó desde el principio y seguí.¹¹

Em 1955, com a publicação do seu primeiro livro, *La muerte tiene permiso*, considerado pela crítica como um dos ícones literários mexicanos contemporâneos, o escritor não hesita mais quanto a seu labor literário.

A produção contística de Edmundo Valadés resume-se em quatro volumes: *La muerte tiene permiso* (1955; outra reedição em 1982), *Las dualidades funestas* (1966), *23 Cuentos de la Revolución Mexicana* (1985) e *Sólo los sueños y los deseos son*

¹⁰ SÁNCHEZ DE ARMAS (2008).

¹¹ SÁNCHEZ DE ARMAS (2008).

inmortales, palomita (1986). Dentre essas, seu primeiro livro de extrema difusão acaba por ocultar as outras coleções de textos.

O escritor como amante fiel a Proust e aos escritores da Revolução Mexicana, produziu uma obra ensaística considerável sobre temáticas relacionadas a eles. *El libro de la imaginación* (1970), *Los grandes cuentos del siglo veinte* (1979) e *Con los tiernos infantiles terribles* (Tomo I das antologias temáticas de *Los Cuentos* de “El Cuento”, 1988) constituem suas três inesgotáveis antologias com textos sobre os romancistas da Revolução, a quem Valadés não esconde o estímulo e influência.

Em resposta a uma entrevista ao Professor e Investigador Sánchez de Armas¹², do Departamento de Ciências da Comunicação da *Universidad Popular Autónoma del Estado de Puebla*, Valadés evidencia como surge a essência para a arte literária:

[...] cuando vas sintiendo que dominas el oficio, que vas encontrando un estilo. Como digo a mis alumnos: la conquista final del escritor, es la de estilo, es la de poder expresar su voz a su propia manera, con su propia sensibilidad¹³.

Valadés expõe o trabalho do escritor semelhante ao ofício de um pedreiro na construção de uma edificação, pois cabe a este elaborar, construir e dominar o poder das palavras. Recomenda, sobretudo, a prática da leitura, porque, segundo ele:

[...] son otros escritores los que nos empujan; ojea el diccionario para conquistar nuevas palabras, sobre todo palabras bellas que no son habituales en nuestro vocabulario; y escribir y describir aquellas frases, cosas, momentos o atmosferas que nos ponen en estado de gracia¹⁴.

No processo de criação simbólica, o escritor deve deter o maior número de imagens possível da realidade que o cerca e relacionar ao já conhecido, pois segundo Valadés “hay que absorber de nuestro alrededor elementos y descripciones que van a servir para reinventar. Un escritor no puede inventar todo. Tiene que partir de una serie de elementos”¹⁵.

Valadés atuou, também, como sub-chefe do escritório de imprensa da República no governo de Adolfo López Mateos, presidente do México entre 1958 e 1964. Aliado a

¹² Miguel Ángel Sánchez de Armas é autor do livro *En estado de gracia*, livro que mostra o jornalista e literato Edmundo Valadés.

¹³ (LARA, 2008).

¹⁴ (LARA, 2008).

¹⁵ (LARA, 2008).

isso, o escritor soma sua experiência como docente de Jornalismo no Centro Mexicano de Escritores, entre os anos de 1965 e 1966, e como jurado de vários concursos literários, entre eles, o da *Novela de México*. Valadés, em 1970, foi presidente da *Asociación de Escritores de México* e da *Asociación de Periodistas Cinematográficos de México*.

Acreditamos que a revista *Cuento* funcionou para Valadés como o resultado da mescla entre literatura e jornalismo, já que essa inter-relação percorreu toda a vida do escritor. Não podemos esquecer o fato de a revista ser caracterizada como parte de sua produção pessoal. Infelizmente, a revista só editou, em sua primeira fase, cinco exemplares. A partir de 1964, a revista é reeditada e recebe uma nova roupagem atingindo os cento e dez números de publicação até a morte de seu idealizador em novembro de 1994. Segundo Valadés, o sucesso da revista explica-se porque o conto é um gênero literário que sempre atraiu e encontrou leitores. A vivência com a organização da revista deu-lhe experiência para que o escritor pudesse explorar todas as facetas do conto, ou seja, entender toda a variedade com que o gênero se apresenta.

Para o poeta José Emilio Pacheco, responsável pela seleção de contos e pela apresentação do livro organizado, em 2007, através da *Coordinación de Difusión Cultural de la Universidad Nacional Autónoma de México*, com o fim de homenagear e difundir a importância de Valadés na Literatura Mexicana, as tertúlias literárias, tão comuns nos cafés, nas casas ou nas redações de jornais no século XIX e início do XX, eram práticas comuns, onde os escritores trocavam e construam experiências. Porém, revela o poeta que na atualidade “a cidade e o excesso de trabalho impossibilitaram tal prática”, contribuindo, em parte, para uma falta de diálogo entre as diferentes gerações de escritores e intelectuais. Conforme o pensamento de Pacheco, notamos claramente a idéia de que não há divisões ao se pensar em Literatura. Não podemos negar a contribuição de outros pensadores, principalmente na construção do saber, onde nesse há o compromisso e o desejo de cada um em retratar de modo mais fiel a complexa sociedade de seu país.

Para Valadés, o diálogo entre intelectuais é uma atividade de suma importância para o crescimento do sujeito como pessoa e profissional. Seu papel como intelectual ultrapassava o fazer literário individual, pois, utilizava sua revista como meio de divulgar obras alheias, compartilhar experiências e descobertas, estabelecer contato com outras literaturas, valorizar o passado nacional e estimular o surgimento de novos escritores por meio de concursos literários.

Valadés preocupa-se prioritariamente com prazer estético do leitor ao estabelecer contato com o texto. Valadés conseguiu maior destaque no campo da minificção, à medida que entendia um conto não como um objeto estilizado, mas como uma revelação, isto é, que leve o público leitor a trabalhar com a sensibilidade, e também ao diálogo com o próprio texto. O escritor mexicano ressalta a importância da intertextualidade, que é facilmente percebida em sua produção, e destaca que a apreensão da mensagem de seus textos se dá no momento da leitura, momento esse, em que leitor e texto se fundem em um só corpo, o *corpus* da escritura. O autor deve dialogar com o leitor e mostrar que esse deve ser capaz de reconhecer como seu o discurso do que enuncia.

Semelhante a Jorge Luis Borges, Valadés entende o ato da escritura como um trabalho infinito, onde escrever pressupõe voltar a escrever sobre algo já produzido ou mencionado. Compreende-se o texto como o produto da interpenetração de diversos discursos: do presente e do passado. O ato da criação literária nada mais seria que uma revisão e recapitulação de discursos pré-existentes em outros momentos. Nunca teremos uma repetição total de discursos, pois sendo a literatura uma arte, permite leituras diversificadas do mundo, conseqüentemente, de fatos que se cruzam com a experiência do outro.

Valadés analisa seus textos como uma prolongação e releitura dos discursos de outros escritores que lhe serviram de base. Quando questionado, em uma entrevista, sobre a influência de outros contistas, o escritor mexicano explica que eles lhe ensinaram as armas necessárias para que ele como leitor e, principalmente, como escritor descobrisse os segredos e complicações do gênero tão plural como o conto. Portanto, a leitura serve a Valadés como mecanismo de planificação de novos textos, ou seja, o escritor associa o lido ao já vivido e o resultado desse processo reflete-se na criação de novos discursos. Para o autor, a criação literária assemelha-se à junção de vários fios desconexos, cabendo ao artista enlaçar e atribuir vida às palavras. Por isso, o escritor afirma não separar seu “eu” social do seu “eu” criador, porém muda a maneira de abordar os fatos da realidade que o rodeia.

Edmundo Valadés ao lado do amigo, jornalista e especialista em narrativa mexicana Emanuel Carballo¹⁶, também, desenvolveu um trabalho literário ligado

¹⁶ O escritor é autor da obra *La narrativa mexicana de 1910 a 1979*. Seu texto é considerado como exemplo de compromisso com a academia, mas também, apresenta um respeito pelos escritores de seu país. In: JURADO VALENCIA (2008).

diretamente às Letras Colombianas: participou como colaborador e divulgador da *Revista Mito*, central na Literatura Colombiana, desde o século XX, e principal diálogo com inúmeros escritores mexicanos. Segundo o Professor do Departamento de Literatura da *Universidad Nacional de Colombia*, Jurado Valencia¹⁷, além de Valadés e Carballo serem considerados amantes de revistas literárias, ambos os editores sempre demonstraram uma afinidade e um interesse para com a literatura colombiana, tendo em vista sua amizade com os escritores Álvaro Mutis, Porfirio Barba Jacob e Gabriel García Márquez. O professor afirma, ainda, que a literatura colombiana se sobressai na segunda metade do século XX graças à contribuição desses pensadores.

A amizade com os escritores mexicanos permitiu propagar obras de escritores colombianos como Marco Tulio Aguilera Garramuño, Eduardo García Aguilar e Umberto Valverde, cujos textos foram reconhecidos por leitores não somente de seu país, mas também no México. Valadés oferecia, naquele momento, as páginas do jornal *Excélsior*, e Carballo proporcionava na *Revista Mexicana de Literatura* e no semanal *Punto*, a oportunidade de jovens escritores de diferentes nacionalidades realizarem resenhas, críticas, comentários e entrevistas sobre livros, cinema, teatro, política e intelectuais. Como forma de exemplificar a contribuição de Valadés em sua carreira literária, analisemos as palavras do escritor García Aguilar:

Cuando llegué a México en 1980 lo primero que hice fue visitar al maestro Edmundo Valadés, amigo de Juan Rulfo y autor del legendario libro “La muerte tiene permiso”, quien era director de la página cultural de Excélsior, en ese entonces el diario más poderoso e importante de México. Valadés, que tenía muy buenas relaciones con América del Sur y gran simpatía por Colombia, me dijo que le trajera dos artículos y que si le gustaban, me los publicaría. Una semana después vi mi primer texto en ese diario y desde entonces, tuve una columna semanal los jueves dedicada a hablar con total libertad de temas literarios, compartiendo plana con autores como el argentino Mempo Giardinelli y el mexicano líder de la generación de la “onda”, José Agustín, y toda una generación de jóvenes críticos mexicanos (GARCÍA AGUILAR, 2008).

Nas palavras do autor do romance *Tequila coxis*, notamos um reconhecimento e destaque pela figura de Valadés como um instrumento que lhe permitiu uma ascensão no cenário da literatura mexicana daquela época.

Conforme García Aguilar, os escritores Alfonso Reyes, Edmundo Valadés e Juan Rulfo são considerados como uma geração sucessiva de escritores que uniram

¹⁷ JURADO VALENCIA (2008).

forças como forma de lutar pela propagação das Letras do continente latino-americano. Para o escritor colombiano, “su generosidad y su caballerosidad no tenía límites, por lo que a ellos debemos considerarlos como los hermanos mayores de toda una época continental” (GARCÍA AGUILAR, 2008).

García Aguilar destaca os cafés *La Habana*, *La Ópera* ou o *Centro Histórico* como lugares onde os intelectuais mexicanos, nascidos no final do século XIX e começos do XX, discutiam aspectos da política, do cinema, das artes, do jornalismo e da literatura. Esses homens exerciam suas atividades em meio a um México atordoado pelas dores da violência após a caída do antigo regime aristocrático e autocrático do presidente Porfirio Díaz e do auge da Revolução Zapatista. Ademais, assistiram a inúmeros fuzilamentos dos rebeldes no México, puderam acompanhar a Guerra Civil Espanhola e a Segunda Guerra mundial. Os intelectuais presenciaram, inclusive, o êxodo de personalidades e perseguidos de outros países, como por exemplo, León Trotsky, Luis Cernuda e de perseguidos das ditaduras militares e paramilitares, nos anos 70, do Chile, Argentina e Uruguai.

Em 1985, um terremoto atingiu toda a Cidade do México, principalmente, as áreas situadas sobre o lendário Lago Texcoco, na antiga Tenochtitlán, destruindo grande parte de seu conjunto arquitetônico. Nesse incidente, algumas personalidades desapareceram, assim como os jornais perderam sua importância cultural. A cidade permaneceu privada de livrarias, restaurantes e cafés literários que lhe davam prestígio por muitas décadas. Aliado a isso, o fim do Partido Revolucionário Institucional, cujo trabalho proporcionou ao México certa estabilidade econômica, provocou nesse momento crises na economia do país, gerando, também, constantes rivalidades partidárias entre a classe literária. Conforme nos sinaliza García Aguilar:

La desconfianza, el arribismo mercantil y el ciego egoísmo ganaron la partida en la literatura y las artes, mientras la tolerancia y la generosidad anacrónicas de humanistas como Reyes, Valadés y Rulfo quedaron sepultadas para siempre (GARCÍA AGUILAR, 2008).

O exemplo mencionado acima revela a função do intelectual como indivíduo, cuja função baseia-se no respeito, aproximação e no ato de compartilhar idéias com os demais membros da sociedade.

O poeta mexicano José Emilio Pacheco analisa o estilo literário de Valadés como aquele que “rompió las falsas fronteras entre narrativa fantástica y realista, literatura urbana o rural” (PACHECO, 2007, p. 6). Para o poeta, apesar de Valadés ter nascido numa geração de escritores como Arreola, Revueltas e Rulfo, transcende a linguagem de seus contemporâneos. Segundo Pacheco (2007, p. 6), “no cedió a ninguna prohibición: ha hecho cuentos magistrales que valen por sí mismos y también se anticipan a bastantes cosas que llegaron después”.

Em sua produção, Valadés tenta mostrar a importância da literatura na vida do homem por meio do ato da leitura e da construção de significados para o texto. Ao certo, ao escritor não cabe escrever pensando na utilidade do seu produto, da literatura, digamos, mas sim, é papel do intelectual, levar uma arte ao leitor como forma de fazê-lo enxergar a realidade por outras perspectivas. Ao ser interrogado pela utilidade de seus escritos, Valadés expõe:

No sé hasta qué punto sea útil la literatura, la narrativa, mas creo que sí es necesaria, que no es un oficio estéril ni perdido porque, al fin de cuentas, si se llega a encontrar un lector cabal de lo que uno ha escrito pues ya vale la pena haberlo escrito: quizá se escribió ese libro para ese lector o porque ese lector lo esperaba, lo necesitaba.¹⁸

Em suas palavras, notamos que cabe a literatura o papel de agregar sentidos ao leitor, de aproximar-lhe a realidade e, de certa forma, a literatura poderá desvendá-la. O escritor dá a quem lê sua obra uma parte da realidade que ao leitor nunca foi dada, entendida ou vista, porém que, no ato da leitura, se concretiza através do papel do escritor.

RESUMEN:

En este estudio se pretende exponer la figura del escritor mexicano Edmundo Valadés en el escenario de la historiografía literaria mexicana. Los expertos consideran al autor como el verdadero propagador del género cuento en México y responsable por descubrir inúmeros escritores en los demás países del continente latinoamericano. Se espera evidenciar su rol como intelectual y su pensamiento en relación a la creación literaria.

Palabras-clave: Intelectual; Cuento; Literatura mexicana.

¹⁸ OSTROSKY & CARRANZA (2008).

Referências Bibliográficas

FUENTE, José Luis de la & CASADO, Carmen. *Antología del cuento hispanoamericano contemporáneo*. Valladolid: Ámbito, 1195.

GARCÍA AGUILAR, Eduardo. *Los tiempos mexicanos de Excelsior*. Disponível em: <http://egarciaguilar.blogspot.com/2007/08/los-tiempos-mexicanos-de-excelsior.html>.

Acesso em 28 jan. 2008.

JURADO VALENCIA, Fabio. *Los escritores colombianos entre los escritores mexicanos*. Disponível em: <http://www.revistanumero.com/41/41sepa3.htm>. Acesso em 28 jan. 2008.

LARA, José. *En estado de gracia, libro que muestra al periodista, literato y Tertuliano Edmundo Valadés*. Disponível em: <http://www.conaculta.gob.mx/saladeprensa/index.php?indice=1&fecha=2005-07-20>.

Acesso em 28 jan. 2008.

MACÍAS RODRÍGUEZ, Claudia. *La muerte tiene permiso de Edmundo Valadés, un microcuento modelo en la narrativa mexicana del siglo XX*. Disponível em: <http://www.ucm.es/info/especulo/numero24/valades.html>. Acesso em 02 fev. 2008.

OSTROSKY, Jenne & CARRANZA, Belén. *El cuento siempre encuentra sus lectores: entrevista con Edmundo Valadés*. Disponível em: http://redescolar.ilce.edu.mx/redescolar/act_permanentes/lengua_comunicacion/el_oto%FIo/entrale/cuento%20nunca%20acabar/edmundorazones.htm. Acesso em 28 jan. 2008.

2008.

PACHECO, José Emilio. *El cuento de Edmundo Valadés*. México: UNAM, 2007.

SÁNCHEZ DE ARMAS, Miguel Ángel. *En estado de gracia*. Disponível em: <http://sanchezdearmas.org/principal>. Acesso em 28 jan. 2008.

-----, *El periodismo no es un oficio de cínicos*. Disponível em: http://colpechi.org/colegio/index.php?option=com_content&task=view&id=166&Itemid=33. Acesso em 15 mar. 2008.

VALADÉS, Edmundo. “Ronda por el cuento breve”. In: *Revista Puro Cuento*. Buenos Aires, 1990.